



UMA LEITURA COMPLEXA DE “LOVE IS LOVE”: RELIGANDO EDUCAÇÃO E ARTE NO ACOPLAMENTO CONHECER/VIVER

Alan Ricardo Costa (UNISC)

Resumo: Embora o Pensamento Complexo não tenha sido pensado originalmente como suporte teórico-epistemológico para questões linguísticas e textuais, ele serve para tal fim, por sua essência transdisciplinar (ou indisciplinar) e holística, que busca o religar das “partes” de um “todo”, como no caso da língua(gem) no ato de leitura. Por sua vez, a coletânea de histórias em graphic novel “Amor é Amor” (Love is Love, 2016) – referente ao atentado na Boate Pulse, em Orlando, que resultou na morte de inúmeras pessoas LGBTQ+ e “minorias sociais” (em termos de diversidade sexual) – também não foi pensada como material didático-pedagógico para a reflexão sobre a língua(gem), mas serve para tal finalidade, por seu prisma artístico, que suscita a desestabilização, a reflexão e, por conseguinte, a (auto)constituição humana. Tendo em vista as considerações prévias, o objetivo deste trabalho é propor um estudo da referida obra com base em uma Abordagem Complexa da Leitura. O objetivo específico é apresentar interpretações de quatro histórias à luz da Complexidade, entendida aqui como paradigma que conecta diferentes perspectivas e abordagens verbais e não-verbais de trabalho sobre o texto. Essa leitura proposta possibilita as seguintes interpretações: (1) personagens LGBTQ+s, nas supracitadas histórias, contam com representações humanizadas e críticas, no sentido de estar ali a apresentação de um ser em sua plenitude (com aspectos afetivos, históricos, biológicos, culturais, ideológicos...); (2) o texto, quando fragmentado em partes/dimensões (perspectiva popularizada no já esgotado Paradigma Clássico), está aquém de suas potencialidades no que concerne à leitura e à interpretação enquanto instrumento de subjetivação; e (3) o papel de educadoras e educadores quanto à leitura da referida obra, em sala de aula, pode ser o da desestabilização e o da geração do caos, para as emergências necessárias rumo a uma sociedade mais ética e em sinergia com os direitos humanos.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Leitura. Complexidade.



A REPRESENTAÇÃO FEMININA E MASCULINA EM DICIONÁRIOS PARA O ENSINO MÉDIO: ANÁLISE SEMÂNTICO-COGNITIVA DA REDE LÉXICO-CONCEPTUAL DOS VERBETES MULHER E HOMEM EM DICIONÁRIOS DO TIPO 4

Ana Flávia Souto de Oliveira (UFSM)
Juliana Michelin Ribeiro (UFSM)

Resumo: Os dicionários são repertórios linguísticos que apresentam o léxico e os significados socialmente sancionados de uma comunidade linguística, aos quais os consulentes recorrem para sanar dúvidas com relação à língua e a seu uso. Desde 2001, o Programa Nacional do Livro didático inclui na sua avaliação obras lexicográficas destinadas ao público escolar, o que demonstra o destacado papel desses recursos também no ensino de língua materna e reforça ainda mais o caráter de precisão e autoridade atribuído aos dicionários. Neste trabalho, avaliamos a rede léxico-conceptual dos verbetes de mulher e homem nos quatro dicionários de tipo 4 selecionados pelo MEC no PNLD/Dicionários (2012) com o objetivo de avaliar a representação feminina e representação masculina contida nessas obras direcionadas ao público aprendiz de ensino médio. Com base no aporte teórico de modelos da Semântica Cognitiva, principalmente Semântica de Frames e Modelos Cognitivos Idealizados, construímos o desenho da rede léxico-conceptual apresentada pelos dicionários, com vistas a dar conta tanto da estrutura semasiológica dos itens, quanto de uma avaliação onomasiológica. Deste modo, a análise parte da construção de um mapa geral das acepções, incluindo marcas de uso e a própria redação das definições, segue com a listagem de domínios e frames evocados por cada acepção, além de utilizar as remissões para o desenho de uma rede de relações paradigmáticas. As análises são complementadas por ocorrências de uso coletadas através do repositório Linguateca. Nossos resultados apontam que os dicionários avaliados apresentam uma rede léxico-conceptual que reproduz características estereotipadas para os verbetes homem e mulher e que o uso desses termos explicita conceptualizações que estão em desacordo com os papéis sociais e as expectativas atuais sobre a representação masculina e feminina.

Palavras-chave: Homem. Mulher. Dicionários de tipo 4. Semântica Cognitiva. Lexicografia.



MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA NA PERSPECTIVA DA EQUIDADE

Daiane Rodrigues de Almeida (Feevale)

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar a partir de quais elementos os personagens da obra *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, constroem o conceito de diferença. Sendo assim, trata-se de uma análise crítica que tem o intuito de identificar, qualitativamente, os perfis dos protagonistas na obra abordada. Para tanto, buscamos estabelecer ligação entre os padrões de comparação através da composição da história. Ao longo da análise constatamos que, por meio da escolha das palavras e das ilustrações, como da descendência, a personagem central, inconscientemente, ratifica sua identidade negra. A ligação entre o narrado e a realidade, possibilita ao narratário identificar itens de seu cotidiano, levando-o também, a focar nos elementos que compõe essa dicotomia. As reflexões provenientes do conto remetem a um problema enfrentado pela sociedade, convidando o leitor, seja adulto ou criança, a refletir sobre o que é ser diferente. Conclui-se assim, que as identidades são formadas através da cultura e produzidas, pelos diferentes contextos discursivos que formam a noção que temos do próprio EU em distintos momentos da vida.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Literatura Infantil.



A FESTA, DE IVAN ÂNGELO: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS

Daniela Schwarcke do Canto (UFSM)

Resumo: A festa de Ivan Ângelo é um dos livros mais importantes do autor. Publicado em 1976, época em que o Brasil viviam em plena ditadura militar, Ângelo expõe, através de suas personagens, os problemas culturais, sociais, políticos e econômicos vividos em uma época em que as verdades só podiam ser ditas através de jogos de palavras e artifícios. Trata-se de um livro escrito em nove capítulos que a uma primeira leitura parece ser um conjunto de contos, ou episódios, que podem ser lidos de uma forma independente. Percebe-se uma descontinuidade de pensamento na obra de Ângelo que pode ser comparada ao que diz Adorno (1954) sobre o ensaio, ao afirmar que neste, não existe uma lógica de pensamento, mas que em algum momento da escrita os pensamentos irão se entrelaçar. Na obra de Ângelo, à medida que o leitor vai avançando na leitura percebe que há uma ligação tanto entre as personagens quanto entre os acontecimentos descritos. Neste sentido, é possível afirmar que A festa possui características de ensaio apesar de ser um romance. Com base nas afirmações de Adorno e outros, esse trabalho tem como objetivo investigar se a obra em questão pode ser lida como um ensaio, analisando, em cada capítulo do livro, como Ivan Ângelo faz uso de recursos como mise-en-abyme e textos jornalísticos para imprimir maior realidade às cenas ou para dar uma ideia de que existe um outro autor, que não ele, contando a história.

Palavras-chave: Ensaio. Romance. Literatura. Ditadura.



ARQUIPOTÊNCIA E A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Elen Karla Sousa da Silva (UFRGS)
Patrícia Ribeiro Brasil (UFRGS)
Daniel Conte (FEEVALE/ UFRGS)

Resumo: Insubmissas lágrimas de mulheres (2011) e Olhos d'água (2017) nomeiam os dois livros de contos lançados pela escritora afro-mineira Conceição Evaristo. Curiosamente os títulos dos contos de ambos os livros nomeiam mulheres negras, brasileiras, periféricas que relatam as experiências de vida dessas mulheres. Dar voz a essas mulheres por meio da escrita é legitimar a sua existência. Processos culturais, econômicos e sociais são opressores, violadores e silenciadores dessas mulheres. Contudo, a escrita de Conceição Evaristo possibilita a sua libertação, pois como já nos disse Cassirer (2009) “a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo o acontecer” (p.64). Desse modo, propomo-nos a refletir sobre escrevivências como forma de emancipação, além de discutir a representatividade feminina nos contos de Conceição Evaristo. Dentre os teóricos e estudiosos mais representativos que embasarão a pesquisa estão: Cassirer (2009), Ribeiro (2018), Fanon (2008), entre outros.

Palavras- chave: Escrevivências. Feminino. Conceição Evaristo.



DIÁLOGOS ENTRE A PERSONAGEM CELIE DE A COR PÚRPURA, COM AS MULHERES DA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA

Fernanda Santos Teixeira (IFB)
Isabella Ricardo Ferreira Bispo (IFB)
Isabella Santos Mundim (UFMG/IFB)

Resumo: Este trabalho visou percorrer os diálogos existentes entre as mulheres da sociedade contemporânea brasileira, com a personagem protagonista Celie do romance “A Cor Púrpura” (1982), da escritora estadunidense Alice Walker. A obra epistolar nos apresenta Celie, uma mulher negra e lésbica que, embora tenha vivido no sul dos Estados Unidos em uma década diferente, possui uma realidade bastante similar com as mulheres da atualidade. Em razão de que, ambas se encontram em um contexto social extremamente racista, patriarcal, machista, homofóbico e opressor, o qual na vida de Celie, foi o responsável pela impossibilidade de continuar seus estudos, dos estupros e violência que sofreu do seu padrasto, e do casamento forçado com um homem abusivo. A pesquisa qualitativa teve foco em especial nas questões relacionadas ao preconceito sofrido pela mulher negra. Tendo como fonte principal os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2018, nas quais observamos estatísticas de gênero. Bem como duas reportagens, uma publicada pelo G1 em maio de 2018, sobre os índices desiguais referentes à educação e o mercado de trabalho para os negros. E outra publicada pela Folha de São Paulo em abril do mesmo ano, sobre o pequeno avanço que as mulheres negras obtiveram nos indicadores sociais. Na medida que a comparação entre os dados coletados do recorte social, e a obra estudada permitiram tomar conhecimento da violência simbólica que as mulheres não brancas sofrem no Brasil. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1998), a violência simbólica seria um processo social de dominação entre as camadas sociais, na qual haveria uma legitimação da mesma pela ação das forças sociais, e seria concomitantemente desconhecida por parte das vítimas. Para ele, a violência simbólica seria praticada por diferentes instituições da sociedade, fator que obstaculiza a mobilidade social entre os sujeitos. Além disso, em sua obra “A Dominação Masculina”, Bourdieu conclui que para o nosso modelo de sociedade o masculino é tido como um título superior e oposto ao feminino. Acontecimentos, como os descritos em “A Cor Púrpura”, e que foram constatados ao longo da pesquisa, infelizmente ainda assombam e tornam mulheres negras vítimas de um sistema contínuo de violência simbólica, no qual poucas possuem voz para lutar por equidade. Entretanto, por conta de problemáticas abordados em estudos, trabalhos, e obras como a de Walker. É possível observar também uma mudança positiva no Brasil, mesmo que pequena, das e para as mulheres negras brasileiras.



VIOLÊNCIA FEMININA E PATRIARCALISMO NO ROMANCE AMARGA NEBLINA, DE FERNANDA MELVEE

Jéssica Casarin (URI)

Resumo: De acordo com Ginzburg (1999), o Brasil é um país que desde sua constituição passou por grandes processos de violência, que permanecem arraigados na sociedade contemporânea. Um deles é o patriarcalismo, que marca a desigualdade de gênero que sofre a mulher. Nesse sentido, verificamos a importância de discutir a literatura e narrativas que evidenciam tal minoria social, a fim de verificar como os textos que representam mulheres podem refletir suas dificuldades, denunciar preconceitos e sensibilizar sobre tal violência. Assim, objetivamos analisar a obra *Amarga Neblina* (2018), de Fernanda Melvee, publicado pela editora Class, a fim de refletir sobre a constituição das personagens femininas da narrativa, verificando em que medida são expostas situações e dores vividas em um contexto de dominação masculina. Para o estudo, consideramos as obras teórico-críticas de autores como Ginzburg, Soihet e Santos e Izumino, que tratam da literatura e violência contra mulher. Com a análise foi possível perceber que embora as personagens tenham diferentes personalidades e formas de entender suas próprias vidas, todas estão fadadas a um sistema social que as considera inferiores. Além disso, apesar da figura do forasteiro refletir a ideia de liberdade a que muitas delas se prendem, ele também é um homem, o que aponta para a continuidade de uma cultura patriarcal. Um narrador onisciente que acompanha os pensamentos e anseios da protagonista Aurora corrobora para a percepção da mulher como alguém que é silenciada por um meio conservador, tendo como espaço de liberdade apenas sua própria mente. Tais aspectos revelam que narrativa *Amarga Neblina* (2018) é importante para a discussão da violência feminina e da permanência de valores patriarcais, que ainda persistem sob diferentes formas.

Palavras-chave: Literatura feminina. Patriarcalismo. *Amarga Neblina*. Fernanda Melvee.



O FRÁGIL CORPO HUMANO EM A MORTE DE UM CARRASCO, DE JOSEPH NICHTHAUSER

Lizandro Carlos Calegari (UFSM)

Resumo: No século XX, com a Primeira e com a Segunda Guerra Mundial, viu-se o surgimento de um novo homem. Trata-se de um homem não mais dotado de forças heróicas capazes de resistir à violência dos novos tempos, mas de um homem fragilizado, vulnerável e debilitado. Esse sentimento de impotência tomou conta principalmente daqueles que foram vítimas dos regimes autoritários e totalitários. No contexto internacional, particularmente, após a guerra de 1939 a 1945, muitos judeus, devido à dizimação por que passaram e em razão da violência que sofreram, saíram da Europa em busca de uma vida menos indigna em outros países do mundo. O judeu brasileiro Joseph Nichthausen é um exemplo de sobrevivente da Shoah nazista. Vítima da fome, das perdas irreparáveis, das doenças e dos trabalhos forçados, viu na escrita um meio para encontrar e atribuir um sentido para a sua vida. Em 1972, publica *Quero viver... memórias de um ex-morto*, e, em 2003, lança *A morte de um carrasco*. O objetivo desta comunicação é analisar a violência e a opressão exercidas sobre os corpos dos judeus nos campos de concentração, a animalização a que eram submetidos, a desautorização de suas crenças religiosas e o próprio processo de imigração por que passaram, tendo como base o segundo livro publicado pelo autor. A reflexão sobre esses itens é importante porque permite a construção de uma nova ética, um novo ponto de vista para se pensar a humanidade, as relações humanas e as minorias. Para o embasamento desta proposta, buscou-se respaldo em autores como Elaine Scarry e Walter Benjamin.

Palavras-chave: Shoah. Judeus. Joseph Nichthausen. Violência.



HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA LITERATURA E NO CINEMA: UMA LEITURA DE DUAS IGUAIS E DUAS MULHERES

Luana Teixeira Porto (URI)

Resumo: Este artigo propõe uma leitura comparatista da narrativa literária brasileira *Duas iguais* (2004), de e Cíntia Moscovich, e da narrativa fílmica portuguesa *Duas mulheres* (2010), de João Mário Grilo, observando especialmente a construção narrativa dos textos e sua problematização, por meio da forma/estética e do tema, da identidade das personagens lésbicas bem como a forma de representação da homossexualidade feminina nas duas obras, que são entendidas como artefato cultural que criam uma imagem sobre o “ser lésbica”. O objetivo do estudo é identificar estratégias estéticas que podem colaborar para uma construção ou questionamento do imaginário social sobre a homossexualidade feminina bem como acerca de práticas não normativas acerca das relações entre sujeitos do mesmo sexo. Interessa, ainda, buscar aproximações e distanciamentos entre a proposta crítica das narrativas, considerando-se o contexto social de produção de cada uma das narrativas e a singularidade de cada uma das linguagens artísticas. Para isso, são explorados os conceitos de representação, heteronormatividade, homossexualidade e gênero.

Palavras-chaves: Homossexualidade feminina. Heteronormatividade. Cinema português. Literatura brasileira.



POR ENTRE LÁGRIMAS E RASTROS DE SANGUE: AS DORES E ANGÚSTIAS REPRESENTADAS PELA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Luciane de Lima Paim (UFSM)
Patrini Viero Ferreira (UFSM)
Rosani Úrsula Ketzner Umbach (UFSM)

Resumo: O debate sobre a violência contra as mulheres torna-se, a cada dia, uma maneira necessária de denunciar atos tão cruéis e marcantes na vida das vítimas. Segundo as fontes midiáticas atuais, como jornais e redes sociais, aos três dias do mês de fevereiro de 2019, já haviam sido contabilizados 109 casos de feminicídios no Brasil. Nesse sentido, se as mazelas do patriarcado ainda eram motivo de discussões e dúvidas para a sociedade, com tais situações fica evidente que nós mulheres ainda somos reféns de um grupo que vê e materializa a mulher como um objeto, jamais como um sujeito, nos tornando, assim, parte das minorias excluídas pelo patriarcado. Para tanto, relacionar esse tema com a literatura brasileira torna-se uma ferramenta de resistência. Ferramenta essa que é capaz de levar para todos os espaços e para todos os grupos sociais a voz e as histórias de mulheres que tiveram a vida marcada por dor, violência e sofrimento. Conceição Evaristo, em grande parte do seu acervo literário, faz questão de representar, através de suas personagens, as histórias dessas mulheres. Assim, o objetivo desse estudo é identificar por quais tipos de violência física passam as personagens apresentadas em *Olhos d'água* (2014). Metodologicamente, foram analisados excertos da narrativa que reforçam o que já foi mencionado por Beauvoir, Butler, Spivak, Bourdie, Scott, Freyre, Tiburi, entre outros, sobre violência contra mulher, desigualdade de gênero, discriminações raciais e patriarcalismo, visto que não há como desvincular tais temáticas do tema central. Por fim, conclui-se que como nessa pesquisa a mulher é vista como vítima, afirma-se que das personagens apresentadas pela autora e selecionadas para o estudo, todas sofrem algum tipo de violência.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Olhos d'água. Conceição Evaristo. Contos brasileiros.



A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO REFUGIADO NA LITERATURA

Marta Maria da Silva Moreira (PUCRS)

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar a construção do sujeito “refugiado” no livro *My name is not refugee* de Kate Milner (2016). A obra narrada na perspectiva de uma personagem criança é de fácil compreensão para o público infanto-juvenil e despertou a atenção para a questão da construção da identidade do refugiado enquanto ser do discurso. Levando em consideração as experiências vividas com refugiados enquanto docente e o entendimento de que a criança começa a perceber-se a partir dos olhos do outro, de acordo com Bakhtin (2002), passando assim a expressar-se nos tons volitivo-emocionais desse outro com o qual interage por meio da linguagem, neste trabalho analisamos de forma dialógica as relações intersubjetivas da construção discursiva da identidade dos sujeitos refugiados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa e para melhor execução deste estudo organizamos o trabalho em três momentos. Inicialmente abordamos questões relativas às significações atribuídas a palavra refugiado ao longo da história. Na segunda etapa apresentamos alguns conceitos do Círculo de Bakhtin que servem de fundamentação teórica a referida pesquisa: dialogismo, signo ideológico, entonação/ valoração, construção heterodiscursiva e identidade. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o discurso presente na obra analisada.

Palavras-chave: Signo ideológico. Entonação. Construção heterodiscursiva. Identidade. Compreensão Textual.



HOMOAFETIVIDADE EM NARRATIVAS LITERÁRIAS JUVENIS: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE EU É UM OUTRO E O NAMORADO DO PAPAÍ RONCA

Mathias Paulus Link (URI)
Luana Teixeira Porto (URI)

Resumo: Esse trabalho aborda a representação da homossexualidade em narrativas literárias juvenis, observando especialmente como se dão as descobertas, frustrações e afirmações identitárias em relação à orientação sexual de personagens homoafetivos no âmbito das narrativas que abordam o tema da homossexualidade. O objetivo do estudo é investigar de que forma a narrativa literária brasileira juvenil do século XXI aborda a homossexualidade dos personagens a fim de discutir o sentido e a função social das obras literárias que pendem para essa temática. Para isso, a pesquisa adota o referencial teórico dos estudos queer, os registros sobre homossexualidade desde o descobrimento do Brasil pelos europeus e a literatura juvenil. Interessa observar a concepção de identidade homossexual, abordada por meio dos estudos de pesquisadores da área, como Judith Butler e Lizandro Callegari. Para desenvolver a investigação, foram selecionadas as seguintes obras: O namorado do papai ronca, de Plínio Camillo (2012), e Eu é um outro, de Hermes Bernardi Júnior (2014). A análise realizada é de cunho comparatista, amparada em referencial bibliográfico de George Steiner e Tânia Franco Carvalhal. Ao desenvolver a investigação, pode-se constatar que a representação da homossexualidade nas narrativas estudadas indica o tema como tabu para aqueles que estão em volta dos personagens juvenis homoafetivos, mas não para eles, o que sinaliza, do ponto de vista da construção narrativa, a emancipação do sujeito queer e a sua possibilidade de fala, não reprimida e expoente de desejos e frustrações que são inerentes ao mundo da adolescência e à descoberta da homossexualidade.



GADOS, PORCOS E HOMENS: A SOCIEDADE DESUMANIZADA EM OBRAS DE ANA PAULA MAIA

Pâmela Teles (Feevale)
Marinês Andrea Kunz (Feevale)

Resumo: Recente produção literária brasileira tem se caracterizado pela abordagem do tema da violência urbana partindo do olhar e do enfoque de espaços periféricos, violentos, menos favorecidos e, sempre que possível, excluídos e menosprezados pela articulação dos mecanismos sociais. Busca, assim, realçar, de modo maximizado, situações cotidianas violentas que usualmente não recebem tanto enfoque no universo literário, a fim de discutir questões importantes sobre a construção social do país e a organização político-ideológica. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar as obras *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *De gados e homens*, da autoria de Ana Paula Maia, quanto à violência apresentada na história e as reflexões possíveis acerca da sociedade brasileira. Por trazerem à discussão o tema da violência e da consequente desumanização das personagens que vivem à margem da urbe, percebe-se o impacto das obras e a possibilidade de refletir sobre o processo histórico e a importância da literatura em tais debates.



MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE: A VIOLÊNCIA REPRESENTADA

Patrini Viero Ferreira (UFSM)
Luciane de Lima Paim (UFSM)
Rosani Úrsula Ketzner Umbach (UFSM)

Resumo: Publicado pela primeira vez em 2001 pela editora Companhia das Letras, *Memórias de um sobrevivente* é o livro de estreia de Luiz Alberto Mendes. Nele, o autor relata em detalhes sua trajetória de vida, desde a infância em casa, os conflitos com a família, a fuga para as ruas, sua iniciação no mundo do crime e consequentes prisões por conta desses atos. Dentro de um sistema prisional em que o pano de fundo é o período ditatorial brasileiro, as cenas de violência, autoritarismo e abusos eram constantes, e a narração do autor também contempla esses episódios. Levando em consideração esses relatos, o objetivo deste trabalho é identificar a representação da violência dentro do livro de Mendes, fazendo a aproximação possível dessas cenas vivenciadas pelo narrador ao contexto de produção dessa autobiografia, isto é, o cenário político pelo qual o Brasil passava à época da escrita do livro. Para que esse intento seja alcançado, serão mobilizados nomes como Mychaud, Chauí, Ginzburg, Candido e Scarry, além de excertos selecionados da obra do autor, que serão analisados à luz dos teóricos apresentados. Concluiu-se, após esse processo analítico, que a violência é um tema presente ao longo de *Memórias de um sobrevivente* como um todo, sendo também fator constituinte da sua identidade como detento e como cidadão livre, após sair da prisão.

Palavras-chave: Violência. Contexto ditatorial brasileiro. Luiz Alberto Mendes. Literatura de cárcere.



A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NO DISCURSO DE PERSONAGENS DE CAPITÃES DA AREIA

Rochele Prass (Feevale)
Marinês Andrea Kunz (Feevale)

Resumo: Este artigo versa sobre a representação da violência na interface discurso personagem na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. A violência, tema transversal e inerente à natureza humana, é objeto de investigação em várias ciências que buscam compreender e minimizar seus impactos, como a filosofia, a sociologia e a história. Assim, na qualidade de resultados parciais, as discussões aqui propostas se debruçam sobre a representação da violência no que tange às autoridades que se manifestam na série de reportagens do fictício *Jornal da Tarde*, textos que abrem a narrativa, em contraposição às violências protagonizadas por Pedro Bala, líder do grupo de menores delinquentes. Fundamentado na Estética da Recepção, este estudo busca entender as características dessas personagens, compreendendo de que forma manifestam a violência e, ainda, como esta é entremeada no texto, por meio da estratégia do leitor implícito. Para tanto, o método indutivo é o que norteia a abordagem. A pesquisa classifica-se, ainda, como exploratória-descritiva e utiliza como procedimentos o levantamento de indícios sugestivos de violência na referida obra literária, bem como o bibliográfico, na revisão de teorias sobre os temas personagens, recepção e violência. Neste recorte, verifica-se um contraponto entre violência institucional e interpessoal. No primeiro caso, ela surge no discurso das autoridades (personagens planas) que se manifestam sobre os *Capitães da Areia*. Trata-se de uma violência mais sutil, de contornos esmaecidos nos discursos de personagens representativas do poder do Estado. Já a violência interpessoal, mais facilmente reconhecida pela brutalidade, é protagonizada, neste recorte, pelo líder do grupo de crianças (Pedro Bala, personagem esférica).

Palavras-chave: Discurso. Estética da Recepção. Literatura. Personagens. Violência.



ESPAÇO, CORPO E DISCURSO: MACHISMO E SUBMISSÃO NO CONTEXTO SICARESCO

Rosane Maria Cardoso (Unisc)

Resumo: Nos anos de 1960, foi cunhado o termo “novela sicaresca” para o gênero crescente de narrativas colombianas que tratavam de um personagem conhecido como “sicario”, ou matador de aluguel. Trata-se de alguém geralmente jovem, homem ou mulher de origem paupérrima que atinge um alto estatuto junto a uma sociedade que também vive à margem. Essa figura da periferia, às vezes um Robin Hood às avessas, praticamente não tem existência reconhecida em outro local. Sendo assim, o sicariato torna-se um espaço identitário. Analisa-se, neste trabalho, as particularidades de fenômenos sociais, políticos e culturais da narrativa hispano-americana, a partir da reflexão acerca do espaço como construção simbólica e discursiva. Para tal, discute-se *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo, obra ambientada na violência extrema promovida pela dinâmica do narcotráfico na Colômbia da época de Pablo Escobar. Ao longo da narrativa, o leitor se depara com a imagem do sicário que se divide entre as profissões de matador e de prostituto ocasional. O objetivo desta proposta é refletir sobre os discursos a respeito do corpo e da prostituição masculina e a relação que se estabelece entre um personagem adolescente que vive e que trabalha nas ruas – seja como sicário, seja como objeto sexual – e um homem mais velho, intelectual de classe média que, ao mesmo tempo em que aprecia o parceiro, também demonstra profundo desprezo pelo espaço a que ele pertence. É dele a narrativa do romance. Sendo assim, é de interesse para esta análise pensar nos discursos que esse narrador constrói sobre o outro. Do mesmo modo, torna-se crucial considerar o discurso da não-voz do sicário, na sua complexa atuação como amante e como assassino. Como aporte teórico, o estudo baseia-se em estudos sobre espaço, violência e corpo masculino.

Palavras-chave: Espaço. Violência. Corpo masculino. *La virgen de los sicarios*.



MEMÓRIAS SILENCIADAS - UMA RESPOSTA À REPRESSÃO COLONIAL EM O CASO MEURSAULT, DE KAMEL DAOUD

Roseane G. da Silva (Unisc)

Resumo: Este trabalho reflete sobre as memórias emergentes da colonização francesa na Argélia, através do romance de estreia do jornalista argelino Kamel Daoud. Publicada em 2016, a narrativa resgata os excluídos pela repressão francesa escrevendo, no idioma do colonizador, a história pregressa de Moussa, o “árabe” anônimo assassinado na praia pelo protagonista de *O estrangeiro*, no clássico de Albert Camus. Além das memórias inscritas na narrativa, também estão presentes elementos intertextuais ligados à obra camusiana, bem como à história da colonização argelina. Para analisar esses aspectos, realizamos um estudo teórico, incluindo as contribuições de Mignolo (2003) e Said (2011), acerca do colonialismo, Yazbek (1983) sobre a história da revolução argelina, bem como Gagnebin (2006) e Sarlo (2007) acerca das narrativas memorialísticas. Deste modo, buscamos refletir sobre as articulações da memória coletiva, aqui representada pela história da colonização francesa no país, nas subjetividades do povo argelino, expressas pelas personagens de Daoud. O escritor, aliás, apresenta uma visão controversa do próprio país, pela qual foi duramente criticado. Apesar de integrar a geração que vive o pós-independência, Daoud trouxe para a cena principal, os argelinos silenciados pelo regime visando ressignificar o período por meio de alusões à narrativa de Camus como símbolo do passado colonial. Essa tendência é encontrada em outras obras da chamada literatura magrebina, como salienta Raqbi (2017), citado por Müller (2018). Como resultados parciais, apontamos a constituição de uma literatura que visa não simplesmente entreter ou fazer pensar, mas implementar identidade (s) cultura (is) a um povo que passou por um violento processo de apagamento – tanto em níveis simbólicos quanto físicos, através da tortura, do espólio de terras e da morte. A obra de Daoud rememora o passado, enfatizando as consequências de um processo de exploração não restrito ao plano econômico, mas que atingiu primordialmente as pessoas.

Palavras-chave: Memória. Literatura argelina. Colonialismo. Kamel Daoud.



HOMOSEXUALIDADE E REPRESSÃO EM ‘MAURICE’ DE E. M. FORSTER

Tiago Ferreira Pereira (UFSM)
Rosani Úrsula Ketzner Umbach (UFSM)

Resumo: Após um longo período de tempo escrevendo romances cujo o protagonismo era conferido a relacionamentos heteroafetivos, Edward Morgan Forster (1879-1970) então deixa a escrita ficcional de lado e dedica-se a escrever sobre teoria literária. No entanto, nos últimos anos de vida, produz ‘Maurice’, romance que adentra questões como a da homossexualidade, homoafetividade e a repressão sexual na primeira metade do séc. XX. ‘Maurice’ é um texto póstumo, publicado apenas em 1971. Este trabalho pretende analisar a representação de uma minoria presente nesse romance, os homossexuais. Para isso, dialoga com autores que têm contribuído significativamente para a teoria queer e/ou de gênero: Judith Butler, ‘Undoing Gender’ (2004), Donald E. Hall, ‘Queer Theories’ (2003), Alan Sinfield, ‘Cultural Politics - Queer Reading’ (2005), dentre outros.

Palavras-chave: E. M. Forster. Homossexualidade. Literatura Inglesa. Minorias. Teoria queer.



CINEMA E EDUCAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER OPRIMIDA EM MARY SHELLEY, DE HAIFAA AL-MANSOUR

Tuani Feron (URI)
Luana Teixeira Porto (URI)

Resumo: Este estudo aborda as relações entre cultura, minorias sociais e educação com base na reflexão sobre a exploração do cinema na sala de aula. O estudo parte do pressuposto de que a obra cinematográfica não deve ser usada como instrumento para discussão temática, mas deve ser apreciada, tendo-se em vista seu potencial estético e crítico. Dessa forma, propõe uma leitura da narrativa Mary Shelley, de Haifaa al-Mansour, lançada em 2018, com o objetivo de discutir os elementos estéticos e formais da película e como eles são explorados para abordar a desigualdade de gênero, no contexto do século XIX, na Europa, mas especificamente a forma como a obra retrata, em termos de representação, a opressão feminina. Por meio da caracterização dos personagens da narrativa, o filme reconstrói o universo de exploração feminina e a luta das mulheres por espaço e reconhecimento, o que permite que a abordagem da história fictícia seja ampliada para a reflexão sobre as minorias sociais representadas por mulheres abastadas do ponto de vista econômico, mas silenciadas do ponto de vista social. No entanto, o potencial do filme extrapola o universo temático por desenvolver uma técnica de linguagem que mescla perspectiva conteudista à artística, o que é revelado pelas escolhas de figurino, trilha sonora e enquadramento de cena, por exemplo. São esses recursos estéticos que podem possibilitar uma leitura da obra fílmica, acentuando-se o que é inerente à formação do leitor do texto cinematográfico, a saber, a identificação de elementos estéticos que singularizam a obra. Nesse sentido, ao analisar o filme, tendo-se recorrido a estudos de Alfredo Veiga-Neto, Claudemir Ferreira, Ismail Xavier, Pierre Bourdieu, Judith Butler e Guacira Louro. Ao desenvolver a investigação, pode-se constatar que a narrativa cinematográfica de Haifaa al-Mansour, constata-se que narrativa Mary Shelley não deve ser tratada no ambiente de formação acadêmica ou escolar como um texto que propicia discussão sobre gênero e desvalorização da mulher, mas como uma obra que equilibra elementos estéticos que ampliam o potencial crítico do tema, acenando para a relevância de se propor, no cenário da educação atual, possibilidades de ampliação do horizonte formativo, o que inclui a alfabetização visual e a competência para a compreensão da narrativa fílmica.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Mulher. Mary Shelley.